



“De onde elas vêm?”

Por Marise Costa Rodrigues

Nesse espírito de nos enxergar mulheres, recebo o convite para escrever sobre uma mulher, mas não consigo. Preciso lidar com mais de uma. Eu vejo as Edires, Marcias, Anas, Cléas, Áureas, Elietes, Auroras e Amélias... Em tantas de nós!

Elas vêm de dentro, porque cada um tem uma visão diferente do outro, diferente de como o próprio outro se vê, e aí está a graça. Então, agora, será a minha visão de algumas mulheres, que compartilho com vocês.

Edir é minha mãe. Mãe que foi para a faculdade quando eu já tinha dez anos e meus irmãos na casa dos vinte. Mãe que me deu asas para onde eu quisesse voar. Que acreditou em si, em mim e na nova geração de mulheres com as quais um mundo novo se mostrava, com escolhas e oportunidades.

A Marcia, minha irmã e madrinha, berrava quando eu abria a porta de seu quarto, quarto que hoje dividimos quando estamos com meus pais, na mesma casa. Casou muito cedo, quase adolescente, formada em arquitetura e já professora, criou uma escola, criou três filhos e hoje bajula o neto, com mais um chegando. Desbravou muitos caminhos meus, porque me mostrou que era possível trabalhar no que se gosta e porque sempre mergulhou de cabeça em seus projetos. Não para de estudar, lida com cultura na veia, tem ótima oratória e me dá uma lição de vida a cada momento de convivência.

As Marcias minhas amigas são protagonistas do meu início de carreira e me acompanham desde então. Vou tratar como se fossem uma só, apesar de serem muito diferentes. Já na minha primeira designação, na Corregedoria, Marcia me acolheu, me buscou em casa e me mostrou o caminho... Caminho que adotei para a maior parte da minha profissão. Não havia Escola Judicial com cursos, treinamentos, tutorias, mas eu tinha a Marcia. Fiquei sentadinha ao lado dela um tempo, e depois ela que sentou ao meu lado nas audiências, as quais ela guiava com maestria, ouvia a todos e todos os “ruídos”. A gentileza, a atenção e o cuidado, me revelaram o quão grandiosa é nossa missão na sociedade, no Judiciário, enquanto mulheres. Porque é diferente, sim, senti isso desde o primeiro olhar nos despachos e na sala de audiências, quando no ar pairava uma desconfiança, pela voz, pelo olhar, pelos gestos, o que, internamente, acentuava minhas fragilidades, pela idade e gênero. Nos momentos tormentosos, profissionais e pessoais, elas têm suas mãos estendidas e já me resgataram algumas vezes de buracos internos difíceis, o que eu espero que nunca deixem de fazer. Até hoje me acenam com sua força de trabalho e disposição para ajudar. Amo demais!

Em algumas ocasiões já vi as Marcias, com seu metro e meio, pisando firme e forte, colocando dedo em riste ou procurando a melhor solução coletiva para um problema que a muitos afligia, sem se acovardarem ou se fragilizarem. Outras vezes uma mulher cuidando da casa, do filho e da filha, do futuro deles, sem esmorecer. As vi com alegria de artista, em afazeres de casa e com pincéis na mão, cantando ou apenas com seus estimados cães. As vi apaixonadas!

As Malus são as que te pinçam, te olham, te conhecem e te ajudam nas escolhas, porque acreditam no que veem. Ensinam, dão corda, deixam um rastro de confiança que jamais te abandona. Fui estagiária de uma delas e aprendi muito sobre Direito do Trabalho, depois nos encontramos aqui, na casa TRT-1, por onde ela passou, mas não se acomodou.

As Anas, Marias, Ritas... Maravilhosas! Mulheres que estarão sempre ativas e presentes. Fortes, marcantes, cada qual com seu perfil. Anna, já apelidada de uma juíza “incômoda”, um ícone no nosso Judiciário, sem dúvida. Ana Maria é excêntrica, pequenina e grandiosa. Tem fala mansa e espírito conciliador. Ana Rita é – no presente, porque nunca sairá da minha (nossa) memória – doce, frágil e forte. São as guerreiras que quero ser para enfrentar tudo, tudo, tudo que faz parte do viver! Tive Ana Rita comigo em Duque de Caxias e ela me ensinou a conviver com nossas cicatrizes e não esmorecer. Lembro de seu sorriso, lindo, abrindo alas para conversas longas e variadas, sem pressa. Que saudade...

Patrícias, lindas e cativantes, donas de um olhar meigo e fraterno! Comprometidas com a família e o trabalho, são quietas. As vejo como formiguinhas construindo um formigueiro, que nunca termina. Quando se vão, fica um vazio, mas a obra não para.

Não poderia não mencionar as eternas professoras, nossas Rosildas e Angélicas! Difícil quem não passou, passa ou passará pelos bancos onde compartilham seu saber.

E temos as Cléas, Áureas, Elietes, Auroras, Amélias... São tantas mulheres que quero homenagear! Não as estou listando e não conseguiria esgotá-las, de forma que me perdoem as centenas não nomeadas, mas não esquecidas. Cléa conheci recém chegada ao Tribunal, em uma reunião em que assumia ser “barbeira”, perguntando de quem era o carro estacionado que ela tinha abalroado, com seu enorme coração. Hoje, com precisão, é a melhor “organizer” que conheço. Áurea, arretada, chuta as portas e grita o quanto pode, e pode muito, ainda bem! Quero muito que continue gritando vida afora. Eliete é nossa porta-bandeira e “força-tarefa”, símbolo de muitas conquistas. Nunca a vi fugir de uma boa briga ou, em situação de conforto, encabeça projetos inestimáveis para o senso de cidadania e justiça. Aurora e Amélia, muito queridas, cada qual no seu tempo e no seu espaço, sempre muito bem construídos e aproveitados, marcantes em sua essência para cada um que tocaram.

O que penso nesse texto variado, em que claramente não consigo concluir e incluir todas as mulheres que gostaria, nem me aprofundar sobre cada uma como deveria, porque merecem, é que todas somos e estamos aqui: filhas, mães, companheiras, amigas, magistradas e MULHERES, brancas, negras, católicas, espíritas, flamenguistas, vascaínas, botafoguenses, tricolores... Sofredoras, felizes, amantes, emocionantes.

Pretendemos igualdade e respeito ao longo da história, contra condições precárias e exploração ilimitada da nossa força de trabalho e nossos sentimentos, seja no lar, seja fora dele. Por isso, poder contar um pouquinho sobre as mulheres que contribuem para as minhas conquistas acaricia a minha alma e meu coração, onde todas estão.

Muito bom dividir esse espaço com vocês, como um abraço bem largo e apertado! Gratidão.